



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**O ESPETÁCULO DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19.
UMAS GOTAS DE FENOMENOLOGIA**

RECIFE
2021.

ALINE CAVALCANTI

**O ESPETÁCULO DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19.
UMAS GOTAS DE FENOMENOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Rozélia Bezerra

DEHIST/UFRPE

Recife

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C377e

CAVALCANTI, ALINE SILVA
O ESPETÁCULO DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19.: UMAS GOTAS DE FENOMENOLOGIA /
ALINE SILVA CAVALCANTI. - 2021.
32 f.

Orientador: ROZELIA BEZERRA.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,
Recife, 2022.

1. imagem. 2. mulheres. 3. parto. I. BEZERRA, ROZELIA, orient. II. Título

CDD 909



CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FOLHA DE APROVAÇÃO DE TCC

O ESPETÁCULO DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19.

UMAS GOTAS DE FENOMENOLOGIA

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para conclusão da disciplina de TCC II (Cód. 04803), pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Profa. Dra. Rozélia Bezerra
DEHIST/UFRPE.

Membro: ___Prof. Dr. Rafael Ruiz Gonzales
UNIFESP/ GUARULHOS-SP

Membro: Profa. Dra. Mariana Dantas
DEHIST/UFRPE

Recife, 16 de dezembro de 2021

SUMÁRIO

Epígrafe

À guisa de Introdução Geral

Artigo segundo as normas do Periódico

Resumo

Resumen

Gotas de Fenomenologia

Carta 1 Querida Clio, deixa-me falar de mim, das minhas escolhas e motivos

Carta 2 Querida Clio, deixa-me falar sobre o espetáculo do nascimento de Davi

Carta 3 Querida Clio, deixa-me falar sobre o espetáculo do nascimento de Arthur

Especulações finais

Referências Bibliográficas

Anexo 1

Normas do periódico

Epígrafe

Sua mãe e eu
Seu irmão e eu
E a mãe do seu irmão
Minha mãe e eu
Meus irmãos e eu
E os pais da sua mãe

Sua mãe e eu
Seu irmão e eu
E a mãe do seu irmão
Minha mãe e eu
Meus irmãos e eu
E os pais da sua mãe
E a irmã da sua mãe

Lhe damos as boas-vindas
Boas-vindas, boas-vindas
Venha conhecer a vida

Eu digo que ela é gostosa
Tem o sol e tem a lua
Tem o medo e tem a rosa

Eu digo que ela é gostosa
Tem a noite e tem o dia
A poesia e tem a prosa

Eu digo que ela é gostosa
Tem a morte e tem o amor
E tem o mote e tem a glosa

Eu digo que ela é gostosa
Eu digo que ela é gostosa

(Caetano Veloso)

À guisa de Introdução Geral

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Escolhemos, minha orientadora e eu, escrever um Artigo Científico, nos moldes do periódico dos discentes de História da UNIFESP, cujas Orientações aos Autores se encontram no Anexo 1 deste trabalho.

A partir dessa explanação primeira, abrimos mais o leque dessa História para dizer que este texto introdutório se refere a uma apresentação geral da proposta de trabalho, uma vez que o Artigo Científico propriamente dito compõe o corpo deste texto que será enviado à Biblioteca Central da UFRPE, a fim de compor o Repositório de TCC e, assim sendo, deverá se enquadrar nos moldes de uma escrita monográfica. Em virtude disto, deixamos explícito que há um texto quase híbrido.

Feito este preâmbulo, à guisa de Introdução, dizemos que esta escrita se deu a quatro mãos, duas mentes e vários corações. Mas devemos logo nos proteger e dizer que este modelo de escrita passa pelo aparato legal conferido pelo Artigo 22º da Regulamentação do TCC da Licenciatura em História da UFRPE, cuja prerrogativa garante que

Na apresentação da modalidade artigo científico, discente e orientador escrevam uma proposta segundo uma Revista qualificada pela CAPES, anexando as normas do periódico escolhido .

O trabalho não foi paginado porque obedece às regras das Orientações aos Autores determinadas pelo periódico de escolha do modelo de escrita do TCC.

Assim sendo, convido à leitura desse trabalho.

O ESPETÁCULO DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19.

UMAS GOTAS DE FENOMENOLOGIA

Aline Cavalcanti¹

Resumo

Este trabalho tem o objetivo geral de falar sobre o ofício de historiar sobre mulheres que pariram em tempos de Covid-19 e narrar o espetáculo do nascimento, em meio aos riscos dessa pandemia. Metodologicamente, se apoiou em José Ortega y Gasset (2001) e Rafael Ruiz (2021) para elaborar reflexões sobre o espetáculo do nascimento. O trabalho foi realizado em dois momentos distintos: outubro de 2020 e outubro de 2021. Os lugares da pesquisa foram as salas de parto de dois hospitais privados do Recife. Percebeu-se que a câmara fotográfica captura a imagem do instante, mas o fenômeno do nascer fica na percepção de cada pessoa envolvida naquele momento.

Palavras chave: Imagem – Mulheres – Parto.

Resumen

Este trabajo tiene el objetivo general de hablar sobre la labor de informar sobre las mujeres que dieron a luz en la época del Covid-19 y narrar el espectáculo del parto, en medio de los riesgos de esta pandemia. Metodológicamente, se apoyó en José Ortega y Gasset (2001) y Rafael Ruiz (2021) para elaborar reflexiones sobre el espectáculo del nacimiento. El trabajo se llevó a cabo en dos momentos distintos: octubre de 2020 y octubre de 2021. Los lugares de la investigación fueron las salas de parto de dos hospitales privados de Recife. Se notó que la cámara capta la imagen del momento, pero el fenómeno de nacer permanece en la percepción de cada persona involucrada en ese momento.

Palabras clave: Imagen - Mujer - Parto.

1 Gotas de Fenomenologia

Como estamos em momentos de Introdução ao tema, é necessário que eu, Aline, apareça como protagonista solo e explique que este trabalho temo objetivo geral de falar de uma História das Mulheres e do nascimento de crianças em tempos de Covid-19. Em meio aos vários partos que acompanhei, escolhi falar de dois pelo fato do primeiro ter ocorrido no momento drástico da ocorrência da Covid-19, em outubro de 2020, e o segundo ter ocorrido um ano após. Foi possível perceber a diferença de comportamento de toda a equipe envolvida na realização do parto, pelo menos no tocante à pandemia.

Devo dizer que esta pesquisa é resultante do meu trabalho de TCC de Licenciatura em História, cursada na UFRPE. O tema, História das Mulheres foi meu Projeto inicial, mas o objeto, não. De fato, minha primeira proposta foi pesquisar sobre o lugar das mulheres alemãs

¹ Discente de graduação da Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Modalidade Presencial

na Reforma Protestante. Tentei alguns semestres, mas não conseguia ir adiante com o estudo porque, entre outras coisas, os textos, escritos em alemão do século XVII, se tornaram medusas e quiseram me devorar. Desisti da empreitada de traduzir os textos, porque a professora de TCC II falou que havia um viés na minha pesquisa: usar o tradutor da internet para conhecer os textos do século XVII e ter acesso aos discursos de representações dessa época. Eu traria o alemão contemporâneo e isto não significava o mesmo sentido de outrora. Não vi uma saída para esse dilema. A linguística me prendia em sua armadilha. Isso me fez mal demais porque não via saída para o labirinto que me prendera. Entrei em depressão e tranquei o curso. Voltei à UFRPE em 2020 com uma autodeterminação de terminar o que havia começado e aí, veio a pandemia de Covid-19. As aulas foram suspensas e, com isso, novamente, eu me via jogada no limbo. Logo em seguida, meu horizonte ensombreceu, mais ainda, porque perdi meu trabalho de professora de História, em uma escola privada, localizada no bairro em que eu morava. E agora? Vou fazer o que para ter minha fonte de renda? Ainda não havia a garantia de o governo federal pagar o auxílio emergencial prometido.

Por fim, em agosto de 2020, as aulas na universidade, foram retomadas, mas de forma remota. Fiz matrícula, porém e mais uma vez, eu não conseguia concluir o TCC. O corpo estava presente, mas a mente e o coração não. Foi um ano e meio travando batalhas com dragões internos e externos. Por fim, neste segundo semestre de 2021, correspondente ao segundo semestre letivo de 2020, tão logo iniciaram as aulas de TCC II, resolvi conversar com a professora Rozélia Bezerra, docente responsável pela disciplina, e perguntei se ela poderia ser minha orientadora. Ela me disse: com esse tema e objeto de pesquisa, não poderei lhe ajudar e, além disso, seria necessário me desvincular de minha orientação anterior. Assim eu fiz: mudei de objeto de pesquisa e orientação. Sabendo de meu desejo de pesquisar História das Mulheres e conhecendo minha religião, a professora deu a ideia de pesquisar sobre a História das Mulheres na Bíblia católica e na Bíblia protestante. A ideia era estudar os conceitos de tática e astúcia, dados por Michel de Certeau (2005) e, a partir dele, identificá-los nos Livros de Ester e Judite para saber como elas fizeram para derrotar os generais romanos e, assim para salvar o seu povo judeu do extermínio. Pensamos em algo como “Os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus: as táticas e astúcias de Ester e Judite”. Esbarramos em um problema: a Bíblia protestante não tem o Livro de Judite e eu, que nem a conhecia, me vi forçada à leitura da Bíblia de Jerusalém, porque era essa a versão desejada pela professora. Novamente, eu travei. Foi então que a professora perguntou sobre meu trabalho de fotógrafa: são registros imagéticos de casamentos ou partos? Eu respondi: fotografo os partos. Eureka! Daí nasceu a nova proposta de TCC.

E, como disse o historiador Ricardo dos Santos Batista (2021) a partir de então seria possível falar do ofício do historiador, da História Pública e da pandemia de

Covid-19, em seu impacto sobre as mulheres parturientes. Ao mesmo tempo em que exercia meu ofício de fotografar, registrava em imagens, a história e o risco para as mulheres parturientes, frente ao desafio imposto pela pandemia. Com isto, mais ou menos eu me aproximava de Dilene Raimundo Nascimento, Eliza da Silva Vianna e Marcos Roma Santa (2021, p.100-101) que, em seu trabalho sobre a Covid-19 se sentiram como se estivessem “entre palcos e telas...Contudo, a análise dos acontecimentos em tempo presente requer esse esforço de compreensão se coadune à dramaticidade de viver uma tragédia em tempo real”. E, eu pude viver essa tragédia em tempo real. Entre as salas de parto de dois hospitais privados do Recife, e através de minha lente, registrei uma História da Mulheres, em um recorte temporal muito específico e particular. Através das imagens, eu passei a ser um tipo de “testemunha ocular”, conforme o dizer de Peter Burke (2004) e vi como a pandemia de Covid-19 se tornou a sombra macabra em momentos tão especiais e de esperança representados pelo espetáculo do nascimento. Esse momento tão forte e frágil, tão tênue, e tão arriscado acabou se transformando em um campo de estudo da medicina. (JESUS, et al., 2020; OLIVEIRA CE, et al.(2021); SOUZA, et al. 2020; SOUZA, et al. 2021).

A partir dessa nossa conversa, dei um giro de 180 graus e, finalmente, eu poderia fazer uma Escrita de mim, ocupar meu lugar de historiadora e, ao mesmo tempo, ser porta voz de outras mulheres. Quando paramos para conversar sobre este novo projeto de TCC, as trocas de ideias eram muito intensas, recheadas de arrepios quando pensávamos nas mulheres que estavam prestes a parir, em salas de hospitais que recebiam pacientes diagnosticados com a Covid-19. E nossas perguntas se encontravam: será que as sensações são as mesmas para todas as pessoas que estão vivendo esse momento? Quem tem medo da Covid-19? Como se faz para cobrir o “Espectáculo do nascimento em tempo de Covid-19?” Quais são as medidas de controle e segurança para o parto?

Aí, veio a grande pergunta que envolve a ética na pesquisa: poderíamos usar as fotografias no meu TCC? Porque eu as fiz, mas mesmo sendo de minha autoria, elas não me pertenciam e eu não tinha permissão de uso de imagem. Aí, elaborou-se duas perguntas : Retratos podem ser narrativas? Narrativas podem receber nome de "Retratos"? É possível falar de retratos sem usar imagens? A ajuda para esta dúvida veio da fotógrafa e escritora Adelaide Ivánova que nos indicou consultar Livia Aquino², professora doutora da

² Aproveitamos esse momento, para mais uma vez, agradecer à poeta e à professora que, tão gentil e prontamente atenderam nossa demanda.

Fundação de Armando Álvares Penteado (FAAP). Em mensagem de e-mail, enviada em 25 de novembro de 2021, a professora nos explicou que

Bem, tanto retratos podem ser narrativas, quanto narrativas constituem retratos, muitas vezes. Mas isso expande o fotográfico, encontramos tantas delas na literatura, no cinema, em documentários. Para mim uma boa questão é o que as imagens feitas revelam e que podem ganhar o espaço da narrativa a partir delas, mesmo que não possamos vê-las. Do mesmo modo pensar sobre quem fez as imagens e o que/como as constituiu. Pensar a partir do que monta a imagem, de como ela nasce.

Enfim, espero que isso possa ajudá-la. Qq coisa estou por aqui.

Ai, veio a decisão de fazer narrativas para retratar o espetáculo do nascimento e falar das gotas de fenomenologia que vimos e sentimos.

Seguindo a mesma tópica da metodologia de pesquisa, passamos à escolha do modelo de escrita do Artigo e escolhemos fazê-lo em formas de Cartas. Talvez haja certo estranhamento, da parte de quem for ler nosso trabalho, mas Cartas fazem parte da escrita da humanidade há milhares de anos e, se elas servem de fonte de pesquisa histórica, conforme os apontamentos de Teresa Malatian (2015), é porque estas epístolas foram escritas por alguém e resistiram à noite dos tempos. Elas podem ter um destinatário certo e sabido, como as cartas trocadas entre Cora Coralina e Carlos Drummond de Andrade, as quais nos poderíamos chama-las de cartas de um amor poético, ou as cartas de Luiz Gama denunciando as tramoias do processo de abolição das pessoas escravizadas (FREDERICO; CAMPOS, 2021). Mas cartas, também, podem ser escritas “A quem interessar possa”. E, por ter escrito três cartas a Clio, um ser mitológico, mas sendo a Musa da História, cremos que este trabalho adquire este sentido e objetivo: falar, a quem interessar possa, de História do tempo presente, falar do medo como um comportamento coletivo em tempos de pandemia³, falar da História das Doenças, da História das Mulheres. Das mulheres que foram parir em meio a uma pandemia. Falar sobre *O ESPETÁCULO DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19*. E, como escolhemos, de maneira intencional, o relato de dois partos ocorridos em dois tempos diferentes, outubro de 2020 e outubro de 2021, escolhemos um subtítulo *UMAS GOTAS DE FENOMENOLOGIA*. Com isto já apontamos nossa filiação epistemológica: Estudo de Caso, bem como a escolha da Fenomenologia, na perspectiva de José Ortega y Gasset, quando descreve a cena de um homem moribundo que está rodeado por

³ Aqui, fazemos uma aproximação direta com Jean Delumeau e seu estudo sobre a Tipologia dos comportamentos coletivos em tempo de peste, presente no seu tratado sobre a “História do Medo no Ocidente. 1300-1800: uma cidade sitiada”, edição brasileira de 2009, pela Companhia das Letras..

diferentes pessoas – a esposa, o médico, um jornalista e um pintor - as quais têm diferentes percepções sobre o fato. À análise desse fenômeno o filósofo espanhol conclui que

Se não houvesse alguém que vivesse em pura entrega e frenesi a agonia de um homem, o médico não se preocuparia por ela, os leitores não entenderiam os gestos patéticos do jornalista que descreve o fenômeno e o quadro em que o pintor representa um homem no leito rodeado de figuras condoídas nos seria ininteligível (ORTEGA Y GASSET, 2001, p.36-37)

Por fim, paramos para pensar e nos aproximamos de outro espanhol, mas este é do século XX, para entendermos que “Um quadro ou uma escultura ajuda-nos a educar nosso olhar para que não nos detenhamos apenas no aspecto objetivo dos seres; ensina-nos a olhar a realidade captando seu aspecto ambital” (RUIZ, 2021, n.p).

E é com esses dois pensadores espanhóis que deixamos explícita nossa escolha metodológica de pesquisa e de escrita desse trabalho de Conclusão de Curso. E passamos aos Retratos Narrados em forma de Carta.

Carta 1- Recife, outubro de 2021

Querida Clio, deixa-me falar de mim, das minhas escolhas e motivos de te escrever

Há quanto tempo não nos falamos! Como estás? Continuas sendo a ciência que encanta todos os outros saberes? Não sei se lembras de mim e, por via dessa dúvida, farei uma Escrita de mim. Sou Aline Cavalcanti, uma jovem estudante de História na UFRPE, mas que se tornou professora ainda na graduação.

Então, tenho tantas coisas a te falar, pois preciso te contar tudo o que aconteceu comigo durante os últimos tempos, como bem sabes a pandemia do ano de 2020 mudou a forma de pensarmos a História e de a fazermos.

Tudo mudou, o pânico e o caos se instauraram durante esses dias tenebrosos, e foi necessário que o mundo se reinventasse.

Você bem deve lembrar quão árduo eram os dias de labuta em que eu acordava, ao amanhecer, para trabalhar e dar aulas nas turmas de sexto ao nono ano do Ensino Fundamental II em um bairro de subúrbio da minha cidade, em ambos períodos, tanto o matutino e o vespertino. Esta era minha rotina. E eu a amava, não importa o quão

desgastante fosse ou o quão mal remunerada eu era. Adorava ensinar e a História era a força motriz que me motivava a todos os dias ensinar os acontecimentos e mudanças no mundo e na sociedade. Não existe dinheiro que pague o conhecimento passado e satisfazer a ânsia do saber em crianças interessadas em conhecimentos históricos, algo raro em nossos dias.

Esta foi minha vida durante quatro anos seguidos. Foram dias felizes e cansativos. Nesta época, eu tinha nove turmas em cada período. Mas de repente, tudo se alterou significativamente. O medo reverberou no mundo como há muito tempo não víamos. A Covid-19 chegou, primeiro em forma de surto epidêmico, lá na China, depois se espalhou em escala mundial, deixando um rastro de morte e destruição por onde passou. Em 2020, a pandemia causada pelo coronavírus levou o mundo a vivenciar uma das maiores crises do sistema capitalista, com profundos impactos no cotidiano de pessoas, grupos e comunidades. E foi neste cenário, que eu perdi o emprego que tanto gostava. A justificativa foi que era necessário reduzir o quadro de docentes. Durante esta época, as escolas mal contratavam professores e as demissões foram massivas. Junto a mim, mais oito colegas de profissão perderam seus sustentos nessa instituição de ensino. Que choque em minha vida! Afinal, desde em que entrei na graduação em Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, mergulhei a fundo no universo da sala de aula. Na minha perspectiva, eu não sabia fazer mais nada além de ensinar. Entretanto, a demissão do trabalho mostrava nossa fragilidade frente a uma realidade econômica e de acúmulo de capital, em que demitir empregados se apresenta como a via mais curta e fácil de cortes de gastos. Afinal, nesses tempos de neoliberalismo, a Educação é vista como gasto e não como investimento e quando há aumento de gastos é necessário enxugá-los, ou seja, demitir professores e professoras. Assim, minha querida Clio, com a perda de meu trabalho, veio o grande vazio e a grande dúvida: como faria para continuar tendo uma fonte de renda, quando o mercado do trabalho só demitia? Com as escolas fechadas, para aula presencial e com a demissão, qual tática usaria para ter uma fonte de renda, se eu só sabia dar aula? E saibas que, quando falo de tática, estou pensando no historiador Michel de Certeau (2005, p. 99) quando ele diz que tática é a arte do fraco. Foi quando me recordei de uma paixão antiga e dormente, mas que ainda habitava meu coração. O nome dela? A fotografia. Quando criança, meu pai me presentou com uma câmera antiga, daquelas em que colocávamos um rolo de filme analógico. Ela era rosa

cintilante. Os rolos e as revelações das fotos tiradas por mim, foram vínculos criados por nós e memórias que perpetuaram nosso vínculo pai e filha. Quando já adulta, ainda gostava tanto de fotografia que resolvi comprar uma câmera semiprofissional, porém, pelas várias demandas que eu tinha a respeito da faculdade e de do trabalho, ela permaneceu por muito tempo, dentro de uma gaveta e raramente, era utilizada. Apenas em momentos de lazer, ou registrar alguns momentos felizes, entre família e amigos.

Mas, como disse anteriormente, a Pandemia do Covid-19, obrigou-me a me reinventar, e lancei-me em um curso online de Fotografia, pois durante esse período, aulas foram presenciais foram suspensas por tempo indefinido.

Clio, a fotografia tem o poder e a magia de eternizar por frações de segundos, a memória, produzida naquele instante. Como não poderia amá-la, da mesma forma em que amava o ensino da História. Ambas as coisas, trazem esperança e conforto em dias conflituosos.

Uma especialidade da fotografia me trouxe uma catarse única, a fotografia de partos humanizados. E, sem dúvidas, não poderia ter feito escolha tão sublime.

Neste relatos, quero te contar duas experiências que me transformaram para sempre. Antes da fotografia, a minha vida sempre foi cheia de cores, mas depois dela, meu olhar para as cores alteraram-se de maneira significativa.

E exatamente sobre esse questionamento que eu quero te falar nas próximas cartas Clio.

Me despeço com um abraço

Aline Cavalcanti.

Carta 2 Recife, 17 de outubro de 2020.

Prezada Clio, deixa-me falar do espetáculo do nascimento de Davi

Esta carta deseja te falar do nascimento de Davi. Sim, esse fenômeno representou, para mim, a celebração da vida em meio ao caos. Agora, passado um ano desse fato, paro para refletir sobre ele. Sabe querida Musa, nesse mês de outubro, os dados epidemiológicos, sobre a Covid-19, mostravam o caos em que o Brasil se achava

mergulhado. Enquanto outros países já vacinavam sua população, o presidente Jair Messias Bolsonaro debochava da doença e se negava a comprar vacina. Olhando os jornais da época,

Fotografar o parto de Davi foi um turbilhão de emoções. Ele nasceu no dia 17 de outubro de 2020, na Maternidade Perseverança⁴, localizada na cidade do Recife. Davi nasceu em um momento histórico, porque estávamos no final do primeiro ano da pandemia do COVID-19.

O nascimento ocorreu, exatamente, às 10 horas e 16 minutos, costume afirma que ali a esperança em meio aos caos, nascia. Com nome de um personagem histórico bíblica, o pequeno Davi, foi a minha primeira experiência como fotógrafa de parto.

Mas antes da poesia do momento preciso detalhar alguns fatos. Nesta época o isolamento social era imprescindível para a segurança humana. Todos precisavam estar em casa, pois, não se tratava de, apenas, uma gripe, como muitos erroneamente afirmavam por aí. Era um vírus mortífero, e neste momento ainda não existia vacina, não se possuíam remédios que, cientificamente comprovavam a eficácia no combate à doença causada pelo SAR-COR-2. Muito era dito, mas pouco se sabia de fato, da nova realidade vivida no mundo.

Foi neste contexto, que os hospitais adotaram uma medida restritiva de segurança em suas maternidades: foi proibida a entrada de fotógrafos de parto e doulas. Ambos os serviços, antes da pandemia eram permitidos. Como comecei a fotografar partos durante o período do Covid-19, não sei especificar o processo antes, mas posso te contar tudo o que vi e senti nesse dia.

Para começar Clio, cheguei ao hospital às 21 horas do dia anterior, ou seja, no dia 16 de outubro de 2020. Foi necessário passar por vários protocolos, como teste para o vírus, higienização de todo equipamento, milhares de recomendações. A preocupação era visível nos olhos de toda equipe da secretaria do hospital, mas isso não me preocupou inicialmente. Eu estava obstinada que precisava realizar meu trabalho e a ansiedade de ser meu primeiro parte agitava meu coração. Consegui ser uma exceção, já que me teste estava negativo, e assim, houve liberação apesar da proibição hospitalar para fotografar o pequeno rei Davi, já que a equipe médica permitiu minha entrada.

⁴ Clio, deixa-me dizer-te uma coisa: para preservar o nome dos hospitais em que fiz as tomadas fotográficas, resolvi dar-lhes um nome de fantasia.

Apesar de todos os protocolos, às 22 horas e 30 minutos, uma 1h e meia após minha chegada ao local, finalmente tive autorização da comissão de segurança interna hospitalar e consegui entrar no elevador e adentrar a sala de parto.

E encontrei-me com o pai de Davi, a mãe, que já se encontrava nas primeiras horas de trabalho de parto, a doula e a equipe médica.

Me permita⁵ agora Clio, fazer uma pausa de procedimentos técnicos e regras hospitalares para retratar um pouco dos pais do bebê. Ambos eram extremamente jovens, não passavam dos seus 23 anos, e como fora proibida a entrada de acompanhantes, exceto, o pai da criança. Não existiam outras figuras, como as avós, sempre tão presentes para acolher e ajudar suas filhas que estão prestes a parir, ambos eram tudo o que tinham um para o outro.

Por trás das máscaras, novo acessório imprescindível, adotados por todos durante a Pandemia no ano de 2020, nos entreolhávamos e esperávamos Davi.

Ali nunca se tocou e se pronunciou dos riscos em que todos nós estávamos correndo, cada um queria de fato fazer seu trabalho da melhor maneira possível. Mas no fundo sabíamos, o quão arriscado era.

Principalmente para a gestante, pois foi me informado dentro do hospital que são consideradas grupo de risco, pois possuem maior suscetibilidade a infecções graves e fenômenos tromboembólicos, podendo ocorrer morte fetal.

Então, o médico, Dr. Rafael, que trouxe Davi ao mundo neste dia, nos esclareceu algumas dúvidas fora da sala de parto. Segundo ele, o melhor tipo de parto é o normal, para todas as épocas, principalmente na pandemia. Devido ao risco de entrar em contato com uma pessoa contaminada pelo vírus no hospital, ficar menos tempo no significa menos risco de contágio, além disso ele possibilita uma alta mais rápida, desde que mãe e bebê estejam bem. Inclusive, neste novo cenário, é necessário avaliar se a maternidade possui plantão com equipe pediátrica e principalmente UTI Neonatal estruturada, de preferência livre de internação proveniente da COVID-19.

Não fingirei que essas novas informações ditas de forma tão rápida e com até um pouco de frieza médica, não me atingiram. Ainda não sabia da realidade de uma

⁵ Para quebrar esse rigor linguístico, me dou a licença poética de imitar Paulo Freire, em seu livro “À sombra das mangueiras” e começar minhas frases com o pronome de tratamento antes do verbo. E assim será ao longo desse texto. Assim não darei mais explicações se isto acontecer novamente.

purpúrea na pandemia. Mas prosseguimos, e à medida que as contrações que anunciavam a chegada de Davi ao mundo aumentavam e os gritos de sua mãe entoavam mais fortes naquele quarto, tudo mudou.

Já eram cerca de 5 horas da manhã do dia de 10 de outubro, e começaram as complicações. O medo tomou conta da sala, afinal sabíamos que o melhor naquele momento era o parto natural, mas se algo acontecesse, a gestante seria levada a um bloco cirúrgico, onde o risco de contaminação era altíssimo, embora ninguém fosse capaz de falar isso em voz alta e muito menos cogitar essas coisas.

Havia se passado nove horas de trabalho de parto ativo, e apesar das dores da mãe não cessarem por menos de cinco minutos, sua dilatação não ultrapassava dos oito centímetros e a bolsa que prenunciava a chegada da criança ainda não havia se rompido. O médico queria induzir a ruptura e diminuir as contrações, para que ela pudesse recuperar as forças por alguns momentos, mesmo que breves. Ela se recusava bravamente, afirmando que queria sentir tudo da maneira mais pessoal e única possível. Uma questão que ainda não mencionei, é que a jovem mãe que ali nascia junto com seu bebê, era também estudante de medicina e estava decidida que era a protagonista de seu parto e as decisões eram tomadas por ela.

Mas depois de 10 horas de trabalho de parto, a mãe estava cansada e exausta, e após tanto relutar, ao conversar com seu namorado, a incansável doula, o médico e inclusive eu, a mera fotógrafa, chegou-se à conclusão que era hora da intervenção medicamentosa e sua bolsa foi rompida por um procedimento médico a fim de acelerar o processo para ver a possibilidade de Davi nascer de forma natural.

Apesar das intervenções citadas por mim anteriormente, as coisas não mudaram muito. As dores aumentavam juntamente com um mal-estar significativo da gestante, até que as suas forças foram embora ao ponto dela perder os sentidos e ficar inconsciente.

O pânico apoderou-se da sala. As temidas complicações chegaram. E foi a partir disso, que um vai e vem de profissionais da equipe médica, entravam na sala do parto. Rapidamente, fui orientada a trocar a roupa e vestir outra totalmente esterilizada a fim de entrar no bloco cirúrgico, pois essa seria a maneira mais segura de Davi vir ao mundo neste momento era a cesariana.

Durante esse processo, meu celular que estava no bolso, começou a vibrar sem parar. De alguma maneira, a avó materna, descobriu meu número, já que devida as complicações narradas, a comunicação com sua filha e o seu genro era improvável e incoerente naquele momento. Haviam tantas mensagens, e tanta preocupação naquela avó que ali também nascia, que também não deixei de me comover, e refletir que enquanto o mundo olha para um neném que nasce, a avó pensa na sua filha recém-parida, que agora renasce como mãe. Devido ao vírus, ela foi privada, de estar com sua filha e eu era além de fotógrafa, agora precisa acalantar seu coração e dizer que estava tudo sob controle, embora, isso não fosse tão verdade assim.

Depois de um novo pijama cirúrgico, pro-pés, luvas, tocas cirúrgicas e máscara N-95, uma câmera devidamente esterilizada, adentrei no bloco cirúrgico com o intuito de fotografar uma cesariana. Porém, o parto de Davi, como citei anteriormente no começo desta carta, foi um turbilhão de emoções, sons, cores e odores. Pouco tempo depois da sua mãe tomar uma analgesia, ela entrou em um momento, em que as doulas costumam chamar de “partolândia”, ou seja, o ápice do trabalho de parto. Antes de tomar a anestesia para a cesariana, as contrações aumentaram consideravelmente, a dilatação que não passava de oito cm há mais de 10 horas finalmente chegou aos tão sonhados 10 cm. E embora a valente mãe de Davi, quisesse tanto o parto normal, se viu sem forças e implorava pela cesariana.

Mas nesse momento, a equipe médica, avisou que este procedimento era inviável, visto que o bebê estava coroadando ou no círculo de fogo, como eles costumam falar. A via de nascimento voltou a ser a normal. E todos fomos ao chão Clio. A gestante não queria parir da via convencional, mas da sua maneira. Passei cerca de 1 h e trinta minutos no chão, procurando os melhores clicks possíveis para eternizar a chegada de Davi.

E ele veio, sua mãe estava sentada em uma banquetta, o médico ao chão, fotógrafa também. Tão calmo, tão sereno, que nem parecíamos que estávamos há mais de 12 horas o esperando. Seu choro trouxe a sala alívio para todos nós. Estávamos exaustos, mas a mãe que ali nascia, estava em êxtase. A dor havia ido embora, e o choro dele era música de ninar aos seus ouvidos. Do seu ventre, ele já foi direto ao seu seio, ser amado e acalentado, e extremamente amado.

Com os seus 3 quilos e 850 gramas, 51 centímetros, e com as bochechas coradas, ele me fez ver que a história da sua vida, é a história do tempo presente, que o seu nascimento me marcou-me e na minha memória não será esquecido. Na memória coletiva onde fazemos a linha não tão tênue da História, não era apenas um bebê que nascia naquele fatídico dia 17 de outubro de 2020, e sim uma vida que nasceu em tempos de Pandemia.

Pandemia esta que não pode ser negligenciada e nem esquecida. Naquele dia, provei do medo de estar dentro de uma sala onde o risco de contaminação era inerente. Apesar de toda paramentação usada para proteção, fui alertada da possibilidade de adquirir o vírus desde o momento que entrei no hospital e as enfermeiras do bloco ainda me orientaram a redobrar os cuidados quando estivesse em casa. Ao chegar, precisei retirar todas as minhas roupas e mochila com equipamento fora de casa, tomar banho com sabão neutro, conhecido no Nordeste, como “sabão amarelo”, colocar roupas na máquina de lavar com o dobro da quantidade de produto de limpeza usada habitualmente, higienizar a câmara com álcool 70 %. E ficar isolada, por 7 dias, período de incubação do vírus, caso eu houvesse o adquirido na Maternidade.

Deste dia, o que me marcou mais profundamente, não foi apenas o nascimento do meu primeiro registro fotográfico de um nascimento, assim podemos dizer. Mas de uma cena que presenciei, após Davi e seus pais saírem do bloco cirúrgico. Permaneci ali um tempo esperando: a doula fazer uma pintura da placenta da mãe, com o próprio órgão que acabara de ser expelido, Clio. Vê se isso não nos lembra o que foi dito pelo professor Rafael Ruiz? “Um quadro ou uma escultura ajuda-nos a educar nosso olhar para que não nos detenhamos apenas no aspecto objetivo dos seres; ensina-nos a olhar a realidade captando seu aspecto ambital” (RUIZ, 2021, n.p).

Mas, também, foi nesse momento que ouvi uma conversa das técnicas em enfermagem que preparavam o bloco em que estávamos, para uma nova cirurgia, uma cesariana de uma mãe infectada pelo Covid-19. O medo estava presente no olhar de cada uma, era literalmente uma paisagem do medo, os corpos de cada um estavam tensionadas pois participariam do parto. Pela porta de vidro do bloco cirúrgico, vi tudo ser altamente higienizado. Tudo era minuciosamente plastificado. Tudo era medo. A sala de nascimento havia se transformado em uma paisagem do medo, conforme os apontamentos feitos por Yi-Fu-Tuan, em seu livro homônimo. A fenomenologia de Ortega y Gasset e as percepções sobre a mesma cena.

Somente ao chegar em casa e após dormir mais de 12 horas, pois cheguei exausta e faminta, uma vez que, durante o período que permanecemos no Hospital, as pausas são raríssimas, pude refletir sobre o que acontecera no nascimento de Davi, ele que para mim tornou-se vida e renascimento, uma nova ótica de linguagem e perpetuação da minha forma de fazer História. O fato da minha reinvenção como professora e agora fotógrafa me fizeram ter novas vivências e experiências, e se alguém me dissesse no início do ano de 2020 que eu estaria fazendo isto da vida em meados de outubro, eu com certeza, gargalharia dizendo que tal possibilidade era impossível. Mas foi possível Clio, e hoje estou aqui, em 2021, após ter fotografado mais de cinco partos, somente este ano e eternizando momentos únicos, sublimes e cheios de esperança. Sim, o espetáculo do nascimento pelas lentes do amor, como diz aquela canção de Gilberto Gil.

Pela lente do amor
Sou capaz de entender
Os detalhes da alma de alguém

Pela lente do amor
Vejo a flor me dizer
Que ainda posso enxergar mais além
Pela lente do amor
Vejo a cor do prazer
Vejo a dor com a cara que tem

Pela lente do amor
Vejo o barco correr
Pelas águas do mal e do bem
Mostrar ao médico, encarar,
Curar sua ferida

Transcender pela lente do amor
Cantar o mântico
Pegar o kármico na lida
Transcender, pela lente do amor
Do amor

Com afeto,

Aline Cavalcanti

Carta 3- Recife, outubro de 2021.

Clio, deixa-me falar do espetáculo do nascimento de Arthur.

Se Davi me inseriu em um mundo desconhecido e cheio de possibilidades no mundo da fotografia, em 2020 no auge da Pandemia do Covid-19, Arthur veio um ano depois para reafirmar a escolha correta da minha reinvenção. O menino, também com nome de rei, nasce mais de um ano após o início pandemia, onde tudo havia se flexibilizado um pouco, e o medo que aterrorizava a muitos, tornou-se menos visível, embora os riscos nunca mudaram, mas sim a forma que as pessoas o encaravam ou fingiam que não existiam, por assim dizer.

Arthur nasceu no dia 11 de outubro de 2021 às 18 horas e 36 minutos no Hospital Espanhol do Recife, em uma ensolarada segunda-feira. Seu nascimento estava previsto para 10 dias depois, mas por complicações gestacionais, não foi possível ele vir ao mundo por via normal, como sua mãe gostaria e foi agendada uma cesariana nesta data.

Querida Clio, tu podes me perguntar quais se existiram diferenças e quais foram entre um parto e o outro e, porque dentre todos os quais tive oportunidade de registrar, escolhi Davi e Arthur para relatar nestas cartas que te escrevo. O primeiro motivo foi porque quando Davi nasceu, eu chorei. Chorei porque durante a Pandemia perdi pessoas muito próximas e amadas por mim. Fui a enterros, vi coveiros com equipamentos de proteção individual para evitar contágio pelo vírus, e por mais que isso fosse aterrorizante, o pior foi não poder me despedir. Não houve a última ligação, não teve abraço de despedida e nem a última imagem pode ficar registrada. O caixão fechado e os 30 metros de distância dele são as últimas lembranças. Essa doença conseguiu alterar o ritual da morte e do cuidados com os mortos.

E quando Davi nasceu, todas estas lembranças ressurgiram. E por isso chorei, paradoxalmente chorei, porque, nesse momento de antônimo da morte, eu percebi que ainda exista esperança e vida em meio ao caos pandêmico. Chorei porque todo parto é único, e as partidas também são. Chegamos ao mundo chorando, gritando e pedindo proteção e quando nós despedimos dele, pessoas choram por nós.

Davi foi o meu primeiro retrato de esperança, e Arthur um ano depois era um sinal de que a Pandemia ainda não havia passado, mas com a vacina no braço que grande parte população ansiava, as coisas e o mundo poderiam melhorar. Uma fagulha de esperança nascia e cintilava sob este perspectiva singular.

Então, Clio, Arthur veio ao mundo em um dos hospitais mais bem estruturado, equipado e caro de Recife. Embora, como citei anteriormente, muitas pessoas, haviam relaxado com as medidas cautelosas para evitar a infecção viral, as máscaras foram relegadas por muitos. Mas dentro dos hospitais, as medidas protetivas não diminuíram em absolutamente em nada.

Aliás, dentro dessa unidade de saúde, todo profissional da área fotográfica, precisava comprovar com diploma seu curso, e fazer um curso de higienização de mãos para poder ter sua entrada liberada por causa do risco de contaminação do vírus. Eram vários documentos exigidos pelo hospital, inclusive carteira de vacinação.

Os protocolos um ano após a chegada do Covid-19, haviam aumentado e não diminuído como muitos pensavam. A entrada de fotógrafos tanto em salas de parto natural quando em blocos cirúrgicos, eram feitas por autorização por escrita por médicos, onde temos que assinar um termo onde nos responsabilizamos, caso vinhessemos a contrair o vírus.

O clima não era tão medonho quanto do início, mas medidas protetivas e segurança ainda eram a principal linguagem. O leitos ainda permaneciam tão lotados segundo os médicos e todos os dias vidas se vão, apenas só não era tão mencionados pela mídias como anteriormente. O motivo Clio? Deixarei que você pense a respeito...

Mas o nascimento de Arthur foi cheio de dores e ansiedade, por todos os que o esperavam. O medo de complicação era um agravante, já que sua mãe desenvolveu diabetes gestacional e ele estava em sofrimento fetal devido a isso. Ele era o primeiro filho de um casal de engenheiros. Enquanto esperava minha entrada no bloco cirúrgico fazia companhia ao seu pai, que estava assustado pela demora para nossa autorização de nossa entrada.

Ao adentramos no bloco cirúrgico, sua mãe estava anestesiada e vomitando muito, a pressão extremamente baixa, o médico fazia a cirurgia rapidamente e o pai

entrou em desespero, porém foi rapidamente acalmado pelo enfermeiro. Em menos de 10 minutos, ouvimos o choro de Davi e fiz os seus primeiros registros.

Sim, eis que o bebê chegou ao mundo com o peso um pouco baixo, devido ao sofrimento fetal, mas saudável e bem e foi para o quarto junto com sua mãe, que também estava melhor.

Lá no quarto, o calmo Arthur dormia junto com sua mãe e ali não havia medo de morte e nem mais dor. Apenas o elo entre mãe e bebê que surgia, o amor nascia junto com esperança. Uma representação do momento zero da cristandade.

Me despedi deles com o coração revigorado de esperança, assim como fora com o Davi, há um ano. Os dois pequenos reis, Clio, como costume chama-los com carinho, me fizeram ver que o amor e a esperança mesmo em um mundo caótico, e cheio de medo, que tem a tendência de reprimir todos os outros sentimentos, não é fugaz. Mas o amor e a esperança, podem vencer a morte em dias difíceis.

A fotografia, como expressão da histórias narradas, me salvou do medo do escuro, trouxe novas cores à minha vida e me fez ver vida nos caos da Pandemia. Deixou de ser sobre dinheiro desde a primeira vez que entrei em um hospital como fotógrafa de parto. Quando o projeto e a vontade de tirar a câmera engavetada do armário e fazer um curso profissionalizante, pensei em uma medida de me livrar do desemprego latente na minha porta. Contudo, foram experiências tão marcantes e profundas em minha alma, que talvez essas palavras não esbocem nada disto. O dinheiro não paga memórias criadas, histórias contadas e registradas.

Hoje Clio, não sou apenas a Aline, professora de História, e sim Aline que, além disso, é alguém que registra as memórias da História do tempo presente e pode registrar o espetáculo dos nascimentos durante a pandemia de Covid-19.

Att : Aline Cavalcanti.

Especulações finais

Aprendi, com minha orientadora de TCC, que um trabalho que termina em si mesmo é um trabalho efêmero. Se ele não deixar novas perguntas, novas possibilidades de estudo, de pouco ou nada, terá valido. É por isto que escolhi falar de “Especulações finais”.

Entretanto, o que eu escrevi sobre imagem, história das mulheres, pandemia, Covid-19, partos, nascimentos, são fenômenos que eu vivenciei. Foram minhas capturas, sentimentos, impressões, experiências no âmbito e momentos que eu vivi, retomando as palavras do professor Rafael Ruiz. Portanto, não posso fazer inferência para nenhum outro caso. O fenômeno que vivi foi único e indivisível, não posso fazer extrapolações. Foram minhas gotas de fenomenologia. Mas posso falar do fazer um TCC e deixar minhas Especulações Finais, a fim de que se pense sobre o currículo oculto, aquele que se passa no limite do invisível, ente os corredores, entre os muros da universidade e, assim deixo uma só pergunta: Quantas lutas um discente tem que travar para conseguir concluir um curso superior? E deixo mais uma, desta feita baseada no historiador Michel de Certeau (2005): quem olha para esta “gente ordinária” que é o/a estudante e o/a vê como gente e pensa que gente é para brilhar e não para morrer de sede em frente ao mar do saber? Para fazerem isto, envolvidos/envolvidas no processo terão que fazer como Gilberto Gil

Transcender pela lente do amor
Cantar o mântico
Pegar o kármico na lida
Transcender, pela lente do amor
Do amor

Referências Bibliográficas

- BATISTA, Ricardo dos Santos. Covid:19 e a História Pública: uma reflexão sobre o ofício do Historiador. *Sobre a pandemia: experiências, tempos & reflexões*. MOTA, André (Org.). São Paulo: Hucitec, 2021, p.194-210.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano, v.1.Artes do fazer*. 11ª Ed. Petrópolis/RJ, 2005.
- FREDERICO, Enid Yatsuda; CAMPOS, Cláudia de Arruda. *Luiz Gama: Antologia*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Á sombra dessa mangueira*. 12ª Ed. Rio de Janeiro/SP: Paz e Terra
- JESUS, Carla Viviane Freitas et al. Gestante com Covid-19 submetida à cesariana por sofrimento fetal: primeiro relato de caso descrito no Brasil. *Arq. Catarin Med.* 2020 abr-jun; 49(2):129-133. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/763>. Data de acesso: 11 de novembro de 2021
- MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: *O historiador e suas fontes*. PINSKY, C. B; DE LUCA, T.R. (Orgs)São Paulo: Contexto: 2015, p. 195-221.
- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; VIANNA, Eliza da Silva; SANTA, Marcos Roma. Pandemia de Covid-19: entre palcos e telas. In: *Sobre a pandemia: experiências, tempos & reflexões*. MOTA, André (Org.). São Paulo: Hucitec, 2021, p.100-126.

OLIVEIRA CE, et al. Assistência ao recém-nascido na sala de parto durante a pandemia de COVID-19. *Acta Paul Enferm.* 2021;34, p. 1-9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/q79bqJZwNmJcK3MFVK4f7jk/>. Data de acesso: 11 de novembro de 2021.

ORTEGA Y GASSET, José. A desumanização da Arte. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <https://fliphtml5.com/fquya/ufct/basic>. Data de acesso: 30 de novembro de 2021.

RUIZ, Rafael. O Papel das Humanidades na Universidade. Disponível em: <https://rafaruiz.wordpress.com/category/conferencias/>. Data de acesso: 28 de novembro de 2021.

SOUZA, Kleyde Ventura de et al. Direitos humanos das mulheres no parto frente à Pandemia de Covid-19: o que fazer da enfermagem Obstétrica. *Cogitare enferm.* 25: e73148, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/73148>. Data de acesso: 11 de novembro de 2021.

SOUZA, Karine Domingos de Souza; OLIVEIRA, Gustavo Paschoal Teixeira de Castro; SOARES, Paulo Sérgio Gomes. O direito da gestante em trabalho de parto (e no pós-parto) a acompanhante e as restrições da covid-19. In: *Direito: ramificações, interpretações e ambiguidades*. VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de (Org). Ponta Grossa - PR: Atena, 2021, p. 154-169. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/46962>. Data de acesso: 11 de novembro de 2021.

Anexo 1

Revista Hydra Descendentes de História – UNIFESP

Diretrizes para Autores

I – Das Inscrições

Art. 1º - A Revista HYDRA abre inscrições para submissão de textos nas seguintes seções: Dossiê Temático, Artigos Livres, Notas de Pesquisa e Resenhas.

I - Dossiê Temático: o tema do Dossiê é escolhido semestralmente pela comissão, sendo levado a público, geralmente, nos meses de fevereiro e agosto. O texto deve conter entre 15 e 30 páginas.

II - Artigos Livres: a seção de Artigos Livres não possui tema pré-definido. O texto deve conter entre 10 e 20 páginas.

Artigos traduzidos podem ser aceitos tanto na seção Livre quanto Dossiê. Seus originais devem ter sido publicados nos últimos 5 anos e, junto ao envio da tradução, deve constar a autorização do autor original.

III - Notas de Pesquisa: a seção Notas de Pesquisa não possui tema pré-definido e tem como objetivo a divulgação de pesquisas em andamento. O texto deve conter entre 8 e 10 páginas.

IV - Resenhas: a seção de Resenhas não possui tema pré-definido. Os trabalhos apresentados serão avaliados pelo Conselho Editorial ou pareceristas externos, a depender da decisão dos membros da revista, e devem apresentar resenhas de publicações recentes (últimos 3 anos para nacionais e 5 anos para internacionais) de importância na área temática a que dizem respeito. Em caso de obras reeditadas e/ou ampliadas, deverá ser realizada uma resenha crítica. O texto deve conter entre 3 e 8 páginas.

Art. 2º - As páginas referentes à bibliografia não são contabilizadas para admissão dos artigos em todas as seções da revista.

Art. 3º - As inscrições para todas as seções de publicação devem ser feitas online (via sistema OJS no site da revista) neste

link: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/about/submissions>

II -Dos Trabalhos

Art. 1º. Serão aceitos contribuições na área de História ou em áreas de interesse das Humanidades, seja na forma de artigo científico ou de resenha bibliográfica. Não haverá custos financeiros ou cobrança de taxas para submissão, aceite, publicação e leitura dos respectivos artigos publicados na HYDRA.

Art. 2º. Os trabalhos apenas serão recebidos pelo Conselho Editorial e enviados para pareceristas, caso possuam os seguintes pré-requisitos:

I – Temas: os trabalhos deverão versar sobre qualquer tema relacionado à História ou a saberes adjacentes de interesse das Humanidades.

II – Autores: os trabalhos devem ser produzidos por autores com a seguinte formação mínima:

1. Dossiê: mestrados
2. Artigos Livres: graduados
3. Notas de pesquisa: graduandos
4. Resenhas: graduandos

III – Publicação: os trabalhos a serem enviados para publicação deverão ser inéditos, não constando publicações destes em nenhuma outra revista científica ou livros, mesmo no prelo.

IV – Idiomas: os trabalhos deverão ser redigidos em Português, Espanhol ou Inglês.

V – Identidade: a identidade do autor, no momento de inscrição para publicação, será de conhecimento apenas do Conselho Editorial. No arquivo do texto submetido não devem constar quaisquer dados que indiquem quem é o autor do trabalho, a fim de garantir a idoneidade e a imparcialidade no processo de emissão de parecer. A autoria deverá ser retirada também das propriedades do Word.

Art. 3º. As normas para submissão de trabalhos são as seguintes:

I – os arquivos devem obedecer ao formato Word ou LibreOffice (doc, docx ou odt).

II – os textos deverão ser formatados com a seguinte padronização de margens: esquerda e superior de 3 cm; direita e inferior de 2,0 cm.

III – o espaçamento dado ao texto deverá ser de 1,5 cm entrelinhas. As citações longas (citações que tenha mais de três linhas), as notas, as referências e os resumos em língua vernácula e em língua estrangeira devem ser digitados em espaço simples.

IV – o recuo da primeira linha de cada parágrafo deverá ser 1,25 cm.

V – a fonte utilizada deve ser Times New Roman na cor preta, tamanho 12 para o texto e tamanho 10 para as citações longas e notas de rodapé (para as citações longas, deve-se observar o recuo de 4 cm da margem esquerda).

VI – no arquivo enviado, o texto deverá estar acompanhado de título (com apenas a letra inicial maiúscula, em negrito e centralizado, letra tamanho 14 e espaçamento 1,5), de um resumo de parágrafo único (exceto para as resenhas) com no máximo 1300 caracteres (contando os espaços), e três palavras-chave separadas por ponto e vírgula, em negrito. Caso seja palavra estrangeira colocar em itálico. (**Palavra-chave:** Revista Hydra; Unifesp; Publicações Acadêmicas). Deve constar também o título, resumo e palavras-chave em outra língua (dentre português, espanhol, inglês e francês). Resumo e palavras-chaves com espaçamento simples.

VII - os subtítulos e subdivisões do texto, como por exemplo as referências bibliográficas ao final do texto, devem vir em negrito, com apenas a letra inicial maiúscula, não numerados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento justificado e espaçamento entre linhas simples.

VIII – não é necessário numerar as páginas.

IX – figuras, quadros, e/ou tabelas serão tratados como elementos e além de virem expostos no decorrer do texto devem ser enviados em arquivo TIF ou JPG, preferencialmente coloridos e em boa resolução (com no mínimo 600dpi) encaminhados separadamente, devidamente numerados, com títulos e referências de créditos. O texto não poderá ter mais que 8 (oito) elementos deste tipo.

X – qualquer que seja seu tipo, a identificação de cada elemento deve aparecer na parte inferior precedida da palavra Figura, Quadro, e/ou Tabela, seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto em algarismos arábicos, do respectivo título (letra tamanho 10, negrito, espaçamento 1,5, centralizado junto com a imagem) e/ou legenda explicativa e da fonte, se necessário (em negrito, letra tamanho 10, centralizado e espaçamento simples).

XI – as legendas devem ser breves e claras, dispensando consulta ao texto e, ainda, devem ser inseridas o mais próximo possível do título a que se referem, em letra tamanho 10 e espaçamento simples.

XII – figuras, Quadros, e/ou Tabelas só serão aceitos se forem de domínio público ou com autorização do proprietário.

XIII – o autor poderá inserir hiperlinks nos locais apropriados de seu artigo, sem a utilização de < e >, seguido de data de acesso.

XIV – as notas de pé de página (em fonte Times New Roman, tamanho 10, justificado, espaço simples e sem recuo no início de cada uma delas), deverão ser numeradas sequencialmente (tamanho 10 e números arábicos sobrescritos), respeitando as seguintes orientação e sequência:

1. Para Livro:

No caso de um autor: SOBRENOME, Nome. *Título da obra*. Número da edição, Local de Publicação: Nome da Editora, Ano, página(s).

Para dois ou três autores: SOBRENOME DO PRIMEIRO AUTOR, Nome do primeiro autor; SOBRENOME DO SEGUNDO AUTOR, Nome do segundo autor. *Título da obra*. Número da edição, Local de Publicação: Nome da Editora, Ano, página(s).

Para mais de três autores: SOBRENOME DO PRIMEIRO AUTOR, Nome do primeiro autor. et al. *Título da obra*. Número da edição, Local de Publicação: Nome da Editora, Ano, página(s).

Quando houver indicação explícita de responsabilidade pela obra em um todo:

SOBRENOME DO PRIMEIRO AUTOR, Nome do primeiro autor (Org.). *Título da obra*. Número da edição, Local de Publicação: Nome da Editora, Ano, página(s).

2. Para Artigo:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Nome do periódico*, Volume e/ou Número do periódico, Local de publicação, Ano da publicação, Número da(s) página(s).

3. Para monografias, dissertações e tese:

SOBRENOME, Nome. *Título do Trabalho*: subtítulo. Data de apresentação. Número de folhas ou volumes. Natureza do trabalho (titulação ou grau obtido). Departamento, Instituição, Local da instituição, ano.

4. Para fontes primárias (em especial, fontes de imprensa) sempre que possível, informar:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Nome do periódico*. Local de publicação, data de publicação, número da(s) página(s).

Parágrafo único: Não utilize os termos Op cit., Idem ou Ibidem nas notas de rodapé, deixando as referências bibliográficas sempre completas e repetidas. Deve-se indicar apenas uma nota-de-rodapé por oração caso haja mais de uma referência a ser citada.

XV – As citações de até três (3) linhas deverão vir entre aspas no corpo do texto. As citações com mais de três (3) linhas devem ser em tamanho 10, sem aspas, com recuo à esquerda de 4 cm e espaçamento entre linhas simples.

XVI – Termos em língua estrangeira devem sempre aparecer em itálico. Caso seja preciso destacar alguma palavra ou frase, empregar também o itálico.

XVII – Os grifos do autor devem vir destacados apenas em itálico.

XVIII – As citações devem ser traduzidas e o trecho original deve constar nas notas de rodapé.

XIX – Os subtítulos e subdivisões do texto devem vir em negrito, com apenas a letra inicial maiúscula, não numerados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento justificado e espaçamento entre linhas simples.

XX – As referências bibliográficas devem constar no final do artigo, listadas conforme as normas presentes acima utilizadas para as notas de rodapé, em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento justificado e espaçamento entre linhas simples.

XXI – O texto, com exceção do título centralizado, imagens e tabelas deverá ser todo justificado.

XXII – A reprodução do artigo em outras fontes deve ser objeto de consulta à Hydra, sempre com a devida citação da publicação original.

XXIII – Todos os trabalhos serão submetidos a um exame para conferência de plágio.

XXIV – Cabe ao Conselho Editorial definir o número no qual o artigo será publicado, desde que o autor autorize a permanência do artigo em nosso banco de dados até o próximo volume do periódico.

XXV – Os originais são avaliados por 2 (dois) pareceristas. No processo de avaliação: (a) caso o texto receba indicação de correção, o autor deverá atender às sugestões do(s) parecerista(s);

(b) se houver discrepância entre os pareceristas quanto à conveniência da publicação, o Conselho Editorial decidirá sobre a publicação do artigo;

(c) quaisquer outras situações serão avaliadas, individualmente, pelo Conselho Editorial.

XXVI - Além dos conflitos de interesses habituais previstos para a escolha de pareceristas, professores não avaliam textos de professores da mesma instituição.

XXVII - Os dados do(s) autor(es) serão inseridos na editoração do texto para a publicação, em nota de rodapé.

Art. 4º. Após os resultados dos pareceres:

I – no caso de parecer positivo, o autor será comunicado do aceite para publicação mediante e-mail formal enviado pelo Conselho Editorial.

II – no caso de parecer positivo, mas com adequações, o autor receberá o parecer, com a identidade do parecerista protegida, em conjunto com o texto original, e terá o prazo de, no mínimo, 15 dias para rever os problemas apresentados.

III – no caso de parecer negativo, o autor receberá um comunicado formal da denegação enviado pelo Conselho Editorial, em conjunto com o parecer emitido, com a identidade do parecerista protegida. **A decisão não cabe recurso.**

Art. 5º. Os autores têm responsabilidade total e única pelo conteúdo dos textos assinados.

III - Dos Autores

Art. 1º. Poderão inscrever textos para a publicação de trabalhos na HYDRA em regime de autoria e co-autoria de, no máximo, três (03) autores. Para titulação mínima por seção conferir “II - Dos trabalhos”, Art. 2º, tópico II.

Art. 2º. O candidato a ter o seu trabalho publicado na HYDRA:

I – assume que é o autor do trabalho enviado, ou tem permissão expressa do co-autor para enviá-lo para publicação;

II – declara sua integral responsabilidade pelo conteúdo emitido no seu texto;

III – manifesta sua autorização para publicação do texto na HYDRA e eventualmente na divulgação em outros veículos associados ao periódico;

IV – informa ter lido e concordado com a política de direitos autorais da revista.

IV – Dos Direitos Autorais

Art. 1º. O autor de cada texto é o titular exclusivo dos direitos autorais sobre a sua respectiva obra (Lei nº. 9.610/1998, arts. 7º, inciso I; 11; 17 e 18), sendo livre para exercer os seus direitos morais e patrimoniais.

Art. 2º. O autor se responsabiliza, inclusive, pelo uso das imagens contidas em seu texto.

V – Disposições Finais

Art. 1º. Alterações neste estatuto podem ser promovidas através de decisão consensual dos membros do Conselho Editorial presentes em reunião ordinária.

Art. 2º. As questões ausentes neste estatuto serão deliberadas pelo Conselho Editorial, sob consenso em reunião ordinária ou extraordinária.

Art. 3º. As disposições deste estatuto passam a valer imediatamente.

Guarulhos, 10 de julho de 2019

Conselho Editorial

HYDRA - Revista Discente Eletrônica da Pós-Graduação.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Rev Hydra: Rev Disc Hist UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil. eISSN: 2447-942X